

# INICIAÇÃO SEXUAL, VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA EM *SOBRE RAPAZES E HOMENS*, DE ANTONIO DE PÁDUA

## SEXUAL INITIATION, VIOLENCE AND HOMOPHOBIA IN *ABOUT BOYS AND MEN*, BY ANTONIO DE PÁDUA

Flávio Pereira Camargo 1

**Resumo:** *Sobre rapazes e homens* é o primeiro livro de contos publicado por Antonio de Pádua (2006). Um livro que faz parte de uma ampla produção ficcional que abarca em seu cerne as relações homoeróticas vivenciadas por seus personagens em contextos adversos. O livro se estrutura em três partes: “Sobre algumas coisas de rapazes e homens”, “Teoria dos esquemas (dos homens)” e “Retomando os esquemas, os rapazes e os homens”. Neste artigo, escolhemos como corpus de análise o conto “Esquema F”, inserido na segunda parte do livro, a partir de uma perspectiva entre literatura e homoerotismo, com fundamentação nas discussões teóricas dos estudos de Didier Eribon (2008), Eliane Robert Moraes (2003), Eve Sedgwick (2000), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010) e Octávio Paz (1995).

**Palavras-chave:** Antonio de Padua. Homoerotismo. Homofobia.

**Abstract:** *About boys and men* is the first book of tales published by Antonio de Padua (2006). A book that is part of a broad fictional production that encompasses at its core the homoerotic relationships experienced by its characters in adverse contexts. The book is structured in three parts: “On some things of boys and men”, “Theory of schemata (of men)” and “Taking up schematics, boys and men”. In this paper, we chose as corpus of analysis the “Scheme F” tale, inserted in the second part of the book, from a perspective between literature and homoeroticism, based on the theoretical discussions of the studies of Didier Eribon (2008), Eliane Robert Moraes (2003), Eve Sedgwick (2000), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010) e Octávio Paz (1995).

**Keywords:** Antonio de Padua. Homoeroticism. Homophobia.

## Considerações iniciais

O conto brasileiro contemporâneo “tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem” (BOSI, 2008, p. 7), de tal modo que se pode afirmar que há um “caráter plástico” que o aproxima da plasticidade do gênero romance, considerando-se a sua multiplicidade de formas, temáticas e estilos. No caso da narrativa curta há uma condensação e potencialização das possibilidades da ficção em seu espaço narrativo, de forma sintética, breve, condensada, de tal modo que “o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparentemente amorfa do real” (BOSI, 2008, p. 9).

Neste sentido, o escritor perscruta no cotidiano aparentemente banal situações narráveis que irão fornecer a ele subsídios para uma escrita que tenta captar “situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” (BOSI, 2008, p. 8), daí a multiplicidade de temas e de estilos. É salutar fazer o apontamento de que o texto de Alfredo Bosi sobre o conto brasileiro contemporâneo delimita como *corpus* apenas algumas produções e autores canonizados do século XX, não abarcando em sua discussão narrativas produzidas ao final deste século e nas primeiras décadas do século XXI. Dentre as temáticas elencadas por Bosi como recorrentes no conto brasileiro contemporâneo destacam-se a violência, a sociedade de consumo, o regionalismo, o fantástico e o insólito, a prosa intimista e o estilo urbano, dentre outras.

Não se verifica, dentre as temáticas apontadas por Bosi, um apontamento sobre a produção brasileira do século XX que tenha como temática a questão da sexualidade, do erotismo ou do homoerotismo, embora se tenha amplo registro de romances, contos e poemas que abordem o tema, inclusive questões que dizem respeito ao universo feminino. Neste sentido, “não é preciso revisar toda a crítica e história literária para se ter noção de que a formação de nosso cânone literário baseou-se, sobretudo, numa abordagem homofóbica e misógina, branca e econômica na seleção e inclusão de autores e obras” (FERNANDES, 2009, p. 51).

Este silenciamento em relação à produção literária brasileira de temática erótica, e, principalmente, homoerótica, seja em que época for, endossa certo posicionamento da crítica que tende a expurgar do cânone e/ou da historiografia literária brasileira os autores e as obras cuja temática ousa abordar questões referentes ao corpo, ao desejo, ao erotismo, ao homoerotismo e à sexualidade, de um modo geral. Daí a necessidade de se rever a historiografia brasileira de modo a colocar em evidência obras e autores cujas temáticas destoam daqueles valores preestabelecidos de modo a dar voz e visibilidade àqueles sujeitos que estiveram duplamente marginalizados na e pela sociedade.

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, no ensaio “Reflexões sobre a narrativa brasileira de temática gay: 1980-2009”, após um amplo estudo sobre os compêndios de historiografia literária brasileira e um levantamento exaustivo de produções literárias de temática gay, conclui seu estudo afirmando que,

[ao] longo da história da literatura, a narrativa gay também foi apresentando em seus personagens as mazelas dos sujeitos gays da realidade, representando as lutas e o sofrimento contra o preconceito e a homofobia; por outro lado, corroborando um espaço ficcional de abordagem do desejo, das formas de amar, ao ponto em que questiona e subverte os códigos instaurados pelas práticas e discursos heteronormativos que insistem em rechaçar a cultura gay ao exílio e ao proibido. Inventariar esta breve história da literatura brasileira de temática gay [...] demonstrou que a ficção homoerótica possui uma considerável quantidade de obras a serem exploradas criticamente (FERNANDES, 2009, p. 65-66).

Há, portanto, um nicho a ser explorado na historiografia literária brasileira, de modo a colocar em evidência obras e autores cuja temática abordem questões referentes ao homoerotismo. Se o autor, como diz Bosi, perscruta em seu cotidiano “situações exemplares vividas

pelo homem contemporâneo”, onde estão os registros sobre as situações exemplares vivenciadas pelos sujeitos gays em seus cotidianos? Onde está a aguda percepção das situações narráveis desses sujeitos estigmatizados, marginalizados e condenados pela sociedade?

Se o escritor tem, de fato, uma aguda percepção para captar momentos singulares vivenciados pelo homem em seu cotidiano, esse olhar não estaria enviesado ao negligenciar as vivências, as dores, as angústias, os conflitos sociais, os desejos e os dramas psicológicos desses sujeitos? Não haveria na prosa intimista ou no estilo urbano produções de autores e autoras que abordem questões referentes às vivências e às subjetividades gays e lésbicas negligenciadas pelo cânone?

Estudos recentes como o de Carlos Eduardo Fernandes (2009) e os de Antonio de Pádua (2014; 2016), dentre outros autores, demonstram que há uma vasta produção que ainda não mereceu a devida atenção da crítica literária, que insiste em silenciar obras e autores que não se encaixam nos moldes preestabelecidos por ela em relação àquilo que pode ou não ser considerado como literatura.

É justamente essa lacuna que nos motiva a pesquisar e a escrever este ensaio sobre as configurações homoeróticas no conto brasileiro produzido nas primeiras décadas do século XXI.

Para tanto, delimitamos como *corpus* o conto “Esquema F” do livro *Sobre rapazes e homens*, de Antonio de Pádua Dias da Silva (2006), com o propósito de fazer uma leitura procurando evidenciar questões referentes ao desejo homoerótico, ao preconceito e à homofobia, a partir das discussões teórico-críticas dos estudos de Didier Eribon (2008), Eliane Robert Moraes (2003), Eve Sedgwick (2000), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010) e Octávio Paz (1995).

## Situando o autor e sua obra

Antonio de Pádua é professor de Teoria da Literatura na Universidade Estadual da Paraíba, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Além das publicações acadêmicas na área de teoria e crítica literária, Pádua já publicou as seguintes obras ficcionais: *Sobre rapazes e homens* (contos/2006), *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão* (contos/2007), *Eis o mistério da fé* (contos/2009), *Abjetos: desejos* (contos/2010), *Mosaicos azuis desejos* (romance/2011), *Tal Brazil, Queer romance: romance da história dos afetos ou história do romance dos afetos* (romance/2012; 2013), *Por enquanto...outra estação* (romance/2014) e *Lances & Perdas* (2018), que foi catalogado como conto, na ficha catalográfica, mas o livro é composto por contos (em sua maioria), poemas e um texto teatral, ambos problematizando lances e perdas afetivas marcadas pela solidão, pela conveniência, pela fé, pela vida, pelo desejo, pelo sexo e pelo amor.

*Sobre rapazes e homens* é o primeiro livro de contos publicado por Antonio de Pádua. Um livro que faz parte de uma ampla produção ficcional que abarca em seu cerne as relações homoeróticas vivenciadas por seus personagens em contextos adversos. O livro se estrutura em três partes: “Sobre algumas coisas de rapazes e homens”, “Teoria dos esquemas (dos homens)” e “Retomando os esquemas, os rapazes e os homens”. Há que se destacar o fato de que em todos os contos são abordadas questões diversas relacionadas à subjetividade gay, como, por exemplo, a busca constante pelo objeto de desejo, a carência afetiva e sexual, a solidão, a errância do sujeito, as relações rarefeitas e os ritos de iniciação sexual, entre outros temas recorrentes.

Em todos os contos que compõem *Sobre rapazes e homens* Pádua se vale de uma linguagem que fisga o leitor do início ao fim, uma linguagem densa, poética, visceral, capaz de despertar no leitor o seu desejo. Amador Ribeiro Neto, no prefácio “Um livro e sua linguagem. Textos de desejo”, chama a atenção para o fato de que em *Sobre rapazes e homens* o leitor logo percebe que *o quê* o autor diz é tão importante como *o modo* pelo qual diz” (2006, p. 7, grifo do autor), justamente por que se trata de um livro de contos no qual “o erótico advém da cumplicidade com a linguagem. A palavra é objeto de desejo perseguido em cada conto” do livro (RIBEIRO NETO, 2006, p. 9).

Não é apenas a temática que é homoerótica, mas a própria linguagem se torna plena de erotismo, pois é por meio da palavra que nomeamos nossos sentimentos, desejos, corpos, nossas ações, carências e fragilidades. Portanto, “não espere o leitor um livro de contos meramente homoeróticos. Não: mais que homoeróticos são homoeróticos eróticos” (RIBEIRO NETO, 2006, p. 8).

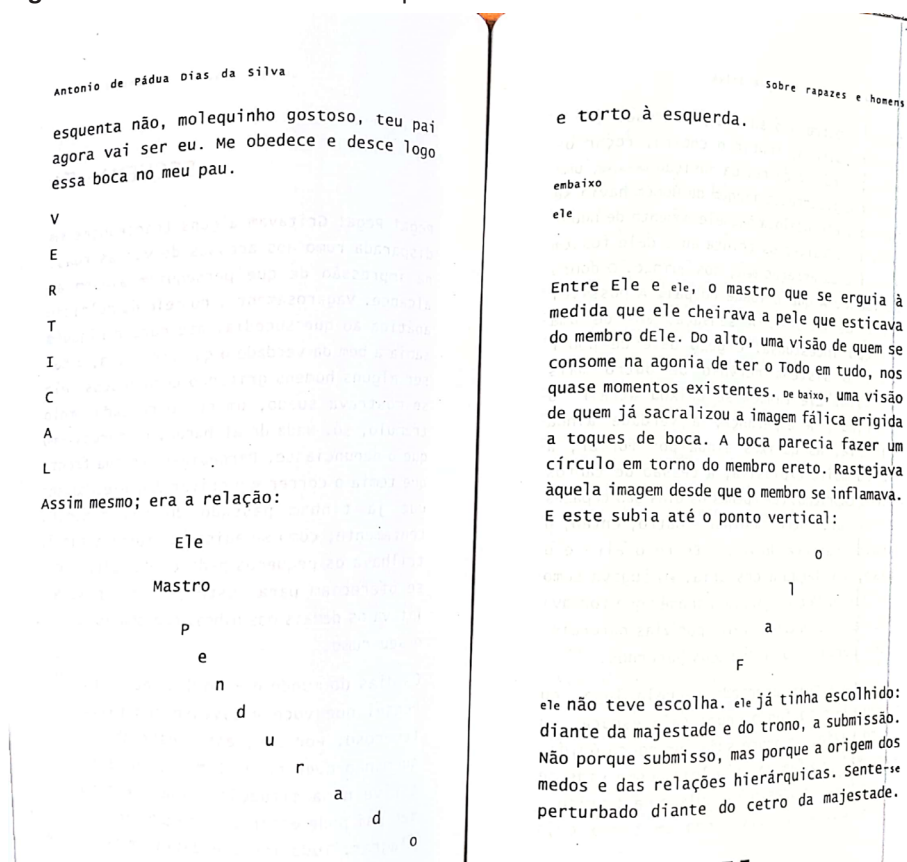
É justamente esse caráter homoerótico erótico presente nas narrativas curtas de Pádua que pretendemos abordar neste ensaio.

### “Não sabia que ser gay dói”: rito de iniciação sexual, violência e homofobia

O conto “Esquema F”, inserido na “Parte II: Teoria dos esquemas (dos homens)”, trata especificamente do rito de iniciação sexual de um adolescente (*ele*) de quinze anos com um homem mais velho (Ele)<sup>1</sup> de trinta anos. A narrativa tem início *in media res*, momento em que o narrador coloca em cena a agitação na rua na tentativa de capturarem um homem que foge da loja onde cometeu o ato de violação do jovem imberbe. Ele “se mostrava suado, um pouco cansado, meio trêmulo, só. Nada de afobação, de nervosismo que o denunciasses” (SILVA, 2006, p. 73) em meio à multidão da rua.

Em seguida, há um deslocamento do momento da fuga d’Ele para o encontro com o adolescente nos fundos da loja de seu pai. Como se trata da primeira relação erótica do jovem, *ele* se mostra com medo, receoso de que o pai pudesse abordá-lo numa situação dessas. O outro, mais velho e mais experiente, afirma que *ele* não precisa se preocupar, pois agora Ele será seu pai, conforme vemos na passagem a seguir.

Figura 1. Trecho do conto sobre Rapazes e Homens.



Fonte: (SILVA, 2006, p. 74-75).

<sup>1</sup> No conto, as diferenças entre o jovem de quinze anos e o homem mais velho, de trinta anos, são marcadas pelo uso de pronomes em caixa baixa e itálico para se referir ao adolescente (*ele*), e com inicial maiúscula e fonte normal (Ele) para denominar o homem.

Trouxemos um recorte dessas duas páginas porque julgamos importantes os recursos linguísticos utilizados pelo autor nesta passagem. Notamos que há a utilização de verbos no imperativo, “obedece” e “desce”, que são utilizados por Ele ao se referir ao jovem como “molequinho gostoso”, ordenando a *ele* que abocanhasse logo o seu pau.

A disposição linguística do texto no papel evidencia justamente parte do jogo erótico que se estabelece entre ambos, pois demonstra inicialmente o pau em posição de repouso, na “vertical”, depois sendo sugado pela boca do jovem, que começa a ficar em posição ereta, “torto à esquerda” e finalmente um “falo” ereto, que demonstra a latência do desejo que pulsa nas veias do pau.

Há, ainda, uma relação entre alto e baixo que, de um lado, remete a uma relação de hierarquia, pois a imagem que temos demonstra justamente uma posição de poder, controle, atividade e virilidade por parte d’Ele em contraposição a uma posição de baixo, que remete à submissão, à passividade e à feminilidade por parte do jovem, que se vê extasiado e ao mesmo tempo “perturbado” “diante do cetro da majestade” (SILVA, 2006, p. 75).

Entre o sugar do pau e a excitação despertada em ambos, havia “entre o alto e o baixo, a felação necessária. *ele* sugava como a um peito. Nem imaginava a imagem que formava ali. Pai alimentando o *filho* por vias naturais. Filho perdido nos embaraços paternos” (SILVA, 2006, p. 76, grifo do autor).

Para Georges Bataille (1987, p. 20), “o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão” e é, ainda, o responsável por levar o homem a buscar constantemente por um objeto de desejo que corresponda à *interioridade* do seu desejo. Neste sentido, o protagonista busca fora de si, naquele que é objeto de investimento sexual, a sua satisfação erótica de um desejo interior.

Vejamos o momento em que o ato sexual/erótico entre os dois é consumado:

Virgem, mãe de deus! A peleja do pai com o filho na sala do purgatório. *eu* quero o céu! Disse tranquilo o moço. Abraçado por Ele, senti na camisa de pele a força do Homem. [...]. Ele empurrava o pênis boca adentro do *garoto* que não se fartava de tanto sugar o exagero da genitália do Homem. Entre um sugar e outro, beijos apertados, braços ondulados que vagavam nas costas do *menino*. Ambos eretos, Ele mais forte, mais alto. Ambos eretos, Ele mais duro e forte. *ele minúsculo*. Com as mãos espalmadas, Ele vira o garoto contra a parede e prende-o no intervalo do concreto e do corpo. Duas matérias brutas, duras. [...]. Ele lambe a pele da *criança*, ainda suada, ainda quase que imberbe. Enfia o membro ereto entre as pernas do garoto. Passivamente, *ele* se deixa levar pelo companheiro de agora. Ele *lhe* desperta desejos latentes. Ambos na graça da libido.

Enquanto penetrado, (o)corre-*lhe*, em frações de segundos, determinadas imagens [...]. Como enfrentar o olhar do Pai, os sussurros da mãe, as desconfianças dos amigos, a rejeição dos irmãos? É agora. Está feito. Que ele goze, que se espoje, que *me* suje, que lance sua porra em *mim* e *me* foda como quero [...] a libido pretendida satisfazia o movimento do Homem que arrebatava a bunda do *moleque* que transava pela primeira vez. E não houve erro: com pouco movimento, o *garoto* espichou em gala e o Homem depositava naquela bunda toda a rajada de sêmen que alimentaria, a partir de então, todo um imaginário em torno da imagem do fodão. Vou te esquecer? Ingenualmente perguntou o *moleque* antes de perceber o estado de seu corpo, os dejetos no chão. Não! Bruscamente respondeu o Homem: amor de pica é o que fica! (SILVA, 2006, p. 77-78, grifos do autor).

É importante observar que a narrativa é construída por meio de uma linguagem licenciosa, que produz um “efeito obsceno” no leitor. Eliane Robert Moraes, no artigo “O efeito obsceno”, afirma que a questão da nomeação é um aspecto central para se pensar a concepção moderna de pornografia.

Para a autora, “a nomeação das posições sexuais e das partes mais secretas do corpo, valendo-se dessa “língua técnica” cujos termos foram expulsos da decência” (MORAES, 2003, p. 123) contribui para o efeito obsceno que se produz no leitor. É essa linguagem licenciosa que dissemina imagens, gestos, posições e palavras consideradas como obscenas, que ferem o pudor e a moral da sociedade, ao expor uma representação explícita do sexo como pedra de toque.

O cerne da questão diz respeito à nomeação da “coisa em si” por meio de minuciosos detalhes advindos do uso de uma linguagem técnica que nomeia e renomeia todas as partes do corpo, com suas designações anatômicas, com os termos mais vulgares que se possa imaginar para detalhar, inclusive, partes anatômicas consideradas como abjetas.

No conto de Pádua há essa linguagem técnica, como podemos verificar no uso de alguns termos, tais como “pau”, “gostoso”, “mastro”, “membro ereto”, “gozo”, “caralho”, “pênis”, “bunda”, “porra”, “foda”, “gala”, “pica”, “fodão”, “bosta”, e “merda”, dentre outros.

Neste sentido,

Os “nomes técnicos” como excessos de linguagem [...], além de evocarem seus referentes, também atuam como seus substantivos. À medida que a linguagem da transgressão incita no leitor um desejo autêntico, ela ganha autonomia, tornando-se uma “realidade independente” que muitas vezes supera, ou corrige, o desejo provocado pelo objeto real (MORAES, 2003, p. 130).

Podemos dizer que no conto “Esquema F” há uma transgressão por meio da linguagem e uma linguagem da transgressão, cujos “excessos de linguagem” produzem efeitos obscenos no leitor, ao despertar nele um desejo latente, um desejo que pulsa na carne. Não se trata apenas de uma temática erótica ou homoerótica como elemento central de uma narrativa, mas de uma linguagem que é em si mesma impregnada de erotismo, sendo considerada obscena quando há a presença de um vocabulário técnico utilizado para nomear aquilo que o pudor, a moral e os bons costumes excluíram do cotidiano.

A linguagem licenciosa nomeia, descreve e encena minuciosamente o ato erótico entre os dois personagens, revelando ao leitor uma relação sexual que não tem como finalidade última a reprodução. Pelo contrário, ela tem como objetivo saciar o desejo e o prazer dos corpos envolvidos, sobretudo porque “o erotismo defende a sociedade dos assaltos da sexualidade, mas, também nega a função reprodutiva” (PAZ, 1995, p. 14), como ocorre entre os personagens do conto “Esquema F”.

Desse rito de iniciação resultam algumas imagens consideradas escatológicas que remetem novamente à relação entre o alto e o baixo, desta vez entre o sagrado e o profano. Vejamos:

Enquanto se vestia, o *moleque* olhava ao seu redor e percebia o quanto de sangue havia já estancado e outro pisado. Sangue e bosta, dois signos da luxúria. Esperma e merda, duas secreções, dois excrementos. Vida e rejeito. Canais diferentes. Posições quase que iguais. No chão, uma porção de bosta misturada a sangue e sêmen. O cheiro de merda já impregnava o ar daquele ambiente, quando o Pai do *moleque* chega e flagra os dois ainda se recompondo (SILVA, 2006, p. 79, grifos do autor).

Nessa passagem essas imagens remetem a outros elementos relevantes para problematizarmos as relações eróticas e, sobretudo, as homoeróticas. Como dissemos anteriormente, a

partir de Bataille (1987), o erotismo não tem como finalidade a reprodução, mas saciar o desejo interior. É justamente a latência desse desejo que nos leva a manter relações sexuais para a satisfação do prazer e não apenas para a reprodução da espécie humana.

Ora, para garantir essa reprodução convencionaram-se determinadas zonas do corpo como erógenas, havendo, ainda, certa higienização quanto às relações sexuais no que diz respeito não apenas ao corpo, mas aos seus orifícios que podem ou não serem considerados como órgãos sexuais que propiciem prazer. Daí a interdição de determinadas zonas corporais como ocorre, por exemplo, com o sexo anal, uma vez que o ânus seria um órgão destinado apenas a expelir excrementos do corpo.

Essa interdição revela certa pedagogização e disciplinamento dos corpos e das práticas sexuais para que eles se encaixem em padrões preestabelecidos, alijando não apenas partes do corpo como zonas erógenas, mas explicitando que determinadas relações, no caso as homoeróticas, seriam condenadas pela sociedade, pois não resultariam em filhos.

Dessa relação sexual que ocorre pelo cu resulta sangue, merda, sêmen e cheiros agri-doces que revelam como esses corpos subvertem a lógica disciplinadora que tenta interditar o seu prazer. Neste caso, temos três elementos distintos, sangue, sêmen e merda que remetem ao prazer do ato erótico pelo cu, que, ao invés de resultar na fertilização, na gravidez, resulta em merda misturada a sangue e sêmen, o que subverte a lógica heterossexual imposta a determinados corpos e sujeitos.

A imagem em si pode ser considerada abjeta para alguns de nós e talvez seja esta a intenção do autor, pois a essa imagem de excrementos resultantes do ato sexual, associa-se logo em seguida o discurso do pai do jovem, que vê neste ato sexual um ato de violação não apenas da virgindade, da pureza e da ingenuidade do filho, mas de sua honra, de seu orgulho heterossexual, que é manchado, segundo ele, por um filho veado. Vejamos:

*Filho* deflorado, pai desonrado; *filho* efeminado, pai envergonhado; *filho* independente, pai desarticulado; *filho* ainda imberbe, pai com cães do respeito. A solução foi ordenar que seguranças da loja fossem no encalço do Homem que fizera do *menino* um outro *homem* (ou outra *pessoa*?). Seria homem, perguntava-se o pai, *aquele* que cedia à satisfação sexual alheia? Seria homem *aquele* que cedia o corpo como se de *mulher* fosse? Poderia ser visto com homem *aquele* que dera o cu a outro?

Abobalhado, inconformado, louco de jogar pedras, lançou-se sobre o *garoto* com punhos cerrados e marretou-o com a força de seus braços. Quebrou-o no seu jejum de nunca ter sido surrado. Sangrou pela segunda vez naquele ambiente em que o *moleque* já tinha gotejado uma hemorragia libidinosa. *Seu bicha, veado, pederasta, fresco* de uma porra, *rapariga de soldado, queimador de rosca*. Você vai morrer! Eu vou te matar, *seu desgraçado* de uma égua, *filho* desgraçado, seu veado! (SILVA, 2006, p. 79-80, grifos do autor).

O discurso da ordem do pai, o patriarca, representa um ato de injúria diante do filho deflorado. Ao se questionar se “Seria homem [...] *aquele* que cedia à satisfação sexual alheia? Seria homem *aquele* que cedia o corpo como se de *mulher* fosse?”, ele reforça um discurso patriarcal, preconceituoso e homofóbico.

Ao se referir ao filho como “*bicha*”, “*veado*”, “*pederasta*”, “*rapariga de soldado*”, “*fresco*”, “*queimador de rosca*” e “*filho* *desgraçado*”, o pai o nomeia como um sujeito anormal, doente, bizarro, estranho. Enfim, um sujeito, um corpo e uma identidade que não se adequam às normas heterossexuais, daí o questionamento se ele poderia ou não ser considerado homem após manter relação sexual com outro homem.

Para Eve Sedgwick (2000, p. 3-5), este tipo de discurso reitera uma estrutural patriarcal, baseada num sistema de dominação masculina que pressupõe a obrigatoriedade da heterosse-

xualidade e, conseqüentemente, o casamento heterossexual como instituição patriarcal. Como consequência, há a opressão dos homossexuais como ato contínuo, o que torna a nossa sociedade brutalmente homofóbica e preconceituosa, justamente porque as estruturas patriarcais incluem a homofobia e, por isso mesmo, estas estruturas requerem a homofobia para a sua manutenção. As atitudes e atos homofóbicos ocorrem de diversas formas, seja por meio de violência física ou por atos de injúria.

Como vimos, a violência do pai contra o filho não se restringe, portanto, a uma violência física, pois o ato de injúria sobre o filho instaura nele uma consciência de si, de sua identidade, que é vista como anormal e diferente.

Neste sentido, de acordo com Didier Eribon (2008, p. 27), a injúria expõe a “vulnerabilidade psicológica e social” desses sujeitos, deixando marcas que se inscrevem no corpo, na memória, na subjetividade e no modo como esses sujeitos se relacionam com os outros. Para o autor, o ato de nomear o outro e sobre ele fazer uma perquirição expõe micro e macro relações de poder, pois aquele que nomeia automaticamente se distingue do que é nomeado, apontado o diferente através e por meio de um traço distintivo que estigmatiza a identidade do outro.

Neste caso, o fato do filho ser gay, bicha, veado, estabelece a distinção entre aqueles que se encaixam no padrão heterossexual e os que são alijados, havendo, portanto, uma violência simbólica, social, psicológica, cultural e física por parte do pai, que representa e endossa uma estrutura patriarcal.

A materialização de comportamentos masculinos e femininos e de suas práticas sexuais ocorre a partir de normas preestabelecidas pela sociedade patriarcal e heterossexista, havendo uma reiteração constante para que os corpos se materializem, adequando-se e se enquadrando em modelos de masculinidade e de feminilidade culturalmente estabelecidos. Essa materialização tem como objetivo produzir corpos inteligíveis a partir de uma “inteligibilidade cultural” que determina quais corpos podem ser considerados como legíveis ou não, legítimos ou ilegítimos, “humanos ou inumanos” (BUTLER, 2010, p. 161).

Para Judith Butler (2010, p. 163-164), trata-se de uma hegemonia heterossexual que se vale de um regime de discurso/poder que circunscreve a “materialidade” do sexo a partir de uma hegemonia sexual, mas nesse processo há fossos e fissuras que desestabilizam as normas regulatórias.

Por este motivo, é preciso questionar essa produção de corpos abjetos/inumanos e seus efeitos, como afirma a autora no excerto que segue:

Será igualmente importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para finalidade os corpos não são construídos, e, além disso, perguntar, depois, como os corpos que fracassam em se materializar fornecem um “exterior” – quando não o apoio – necessário, para os corpos que, ao materializarem a norma, qualificam-se como corpos que pesam (BUTLER, 2010, p. 170)

Enfim, que corpos e que identidades pesam mais do que outras? E por que esses corpos e essas identidades têm maior valoração social, econômica, política, cultural e simbólica em nossa sociedade? Como lidamos com esses corpos e essas identidades que nos remetem a certas dissidências sexuais e de gênero?

São questões urgentes que precisamos problematizar, pois muitos sujeitos considerados como anormais, como abjetos, como o jovem protagonista do conto, todos os dias passam por situações de violência e é justamente por este motivo que o protagonista opta por sair de casa, para que possa se libertar da ordem do pai, rumo a um destino desconhecido, conforme lemos no fragmento a seguir.

Já surrado pelo pai, terminava de se vestir, sangrando. Perfumado de excrementos, saía lentamente, quase sem poder erguer os pés do chão, rumo a um novo desconhecido. Sabia que seria para sempre aquela escolha. Não sabia que seria tão difícil o processo de iniciação. Não sabia que ser



gay dói. Não sabia o peso e a medida da palavra veado, principalmente quando pronunciada por uma representação instauradora dessa força: a ordem do pai. [...] Ia, sem traumas, talvez. Mas ia. E só o tempo diria o que estava por acontecer. (Amor de pica é o que fica! Repetia, enquanto caminhava, em seu interior, olhando as coisas e a casa paterna que ficavam atrás) (SILVA, 2006, p. 81-82, grifo do autor).

### Considerações Finais

Ao final da leitura do conto de Pádua percebemos que há uma transgressão que ocorre, em um primeiro plano, no nível da linguagem licenciosa que é utilizada para nomear o ato sexual em si e as partes do corpo do outro e de si mesmo; e em um segundo plano há uma transgressão que diz respeito às zonas interdidas como objeto de prazer.

É uma narrativa que problematiza questões latentes da sociedade, tais como a latência do desejo, o preconceito, a homofobia e, principalmente, uma problematização acerca da abjeção desses corpos considerados como abjetos. Não se trata apenas de uma abjeção do corpo, mas de uma abjeção da subjetividade do outro, de sua identidade e dos elementos que a constituem, incluindo-se aí o desejo e a prática sexual.

Julgamos necessária uma reflexão mais abrangente sobre a negação dessas subjetividades e dessas identidades na historiografia da literatura brasileira, pois o silenciamento e a negação da crítica em relação às obras de temática gay corroboram com a dominação epistemológica heterossexual que tolhe desses sujeitos o seu lugar de fala, a sua humanidade e a sua dignidade, simplesmente porque seus desejos, sua afetividade e suas vivências provocam fissuras e fossos que desestabilizam os padrões de gênero e sexualidade impostos constantemente pela sociedade patriarcal.

Por estes motivos, acreditamos que há certa urgência em “forçar uma rearticulação radical daquilo que pode ser legitimamente considerado como corpos que pesam, como formas de viver que contam como “vida”, como vidas que vale a pena proteger, como vidas que vale a pena salvar, como vidas que vale a pena prantejar” (BUTLER, 2010, p. 171).

### Referências

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BOSI, Alfredo. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 7-22.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 151-172.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Reflexões sobre a narrativa brasileira de temática gay: 1980-2009. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da; CAMARGO, Flávio Pereira (Orgs.). **Configurações homoeróticas na literatura**. São Paulo: Claraluz, 2009. p. 35-50.
- MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. In: **Cad. Pagu** [on line], n. 20, p.121-130, 2003.
- RIBEIRO NETO, Amador. Um livro e sua linguagem. Textos de prazer. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre rapazes e homens**. Campina Grande: EDUEP, 2006. p. 7-13.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men**. English literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 2000.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre rapazes e homens**. Campina Grande: EDUEPB, 2006.

\_\_\_\_\_. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. In: **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 36, n. 1, p. 61-74, Jan.-Mar., 2014.

\_\_\_\_\_. Literaturas de língua portuguesa e homoafetividade – o aspecto político na ficção contemporânea. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCÍA, Paulo César (Orgs.). **Homocultura e linguagens**. Salvador: Eduneb, 2016. p. 79-106.

PAZ, Octavio. Os reinos de Pã. In: \_\_\_\_\_. **A chama dupla. Amor e erotismo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995. p. 9-22.

Recebido em 24 de março de 2021.

Aceito em 20 de agosto de 2021.